

**26/5/1985**

**Acordo põe fim à greve no campo**

por Wanda Jorge

de São Paulo

A greve dos cortadores de cana, que paralisou 22 municípios paulistas em quatro dias, chegou ao fim ontem com a assinatura da Convenção coletiva de trabalho na Delegacia Regional do Trabalho. O acordo é pela primeira vez válido para todo o Estado, estabelecendo uma correção de INPC mais 7% sobre os valores pagos aos bóias-frias em janeiro. Na semana passada, estiveram parados também volantes que trabalham nas culturas de café e laranja. O acordo Com o café foi realizado na quarta-feira, estabelecendo a negociação direta com o patrão. Alguns outros acordos, firmados em regiões canavieiras, como Ourinhos e Taquaritinga, estabeleciam patamares inferiores ao decidido ontem e terão agora de ser cumpridos de acordo com os novos valores.

O acordo entre fornecedores, usineiros e cortadores de cana que acabou sendo fechado em reunião extraordinária de quase 7 horas, no sábado, na presença do ministro do Trabalho. Almir Pazzianotto, conseguiu deter o processo de dissídio coletivo que seria julgado ontem. Embora a proposta dos patrões nada mais tenha avançado após as últimas reuniões entre os setores antes de se recorrer ao Tribunal Regional do Trabalho, alguns ganhos podem ser computados, afirma Hélio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e uma das principais lideranças do movimento.

O principal saldo positivo serão os quatro reajustes que o preço da diária e da tonelada de cana cortada terá durante este ano. Hélio Neves explica que em janeiro se deu a primeira correção, elevando a diária para Cr\$ 12 mil. Com o acordo firmado ontem, esta diária sobe para Cr\$ 16.825, no caso dos fornecedores, e Cr\$ 18 mil, para as companhias agropecuárias vinculadas a usinas de açúcar e destilarias de álcool. A tonelada também sobe para Cr\$ 4.960 e Cr\$ 5.200, de acordo com o corte. Para agosto, ficou garantido um reajuste de 50% do INPC sobre o preço pago pelas companhias agropecuárias e, em novembro, haverá a correção regular da inflação do período.

Outra questão indiscutível, segundo Neves, é o crescimento do nível de organização dos trabalhadores na cana-de-açúcar. "O policiamento ostensivo impediu uma paralisação mais ampla", destacando que no sábado havia em Serrana sessenta bóias-frias presos em piquetes. Ele acrescenta que, embora o acordo não tenha sido como os trabalhadores queriam, enfrentar a polícia no contingente e aparelhamento em que se fizeram presentes no interior paulista e, ao mesmo tempo, correr o risco de uma sentença pior no tribunal "seria, no mínimo, imprudente". Por isso, acrescenta, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) orientou esta "volta estratégica". Hélio Neves diz que, se o acordo não for cumprido, a categoria continuará a se movimentar.

Após mais de cinquenta dias de negociação, os principais ganhos na pauta de 29 reivindicações ficam por conta de ser o primeiro acordo de trabalho firmado para todo o estado e que estabelece novas relações entre empregadores e empregados. Uma categoria que precisa passar horas em uma mesa de negociação para conseguir que os patrões mantenham medicamentos e materiais de primeiro socorro no local de trabalho, que a gestante tenha direito a sessenta dias de estabilidade após seu afastamento compulsório e que se forneçam os instrumentos para o corte da cana e o transporte em ônibus ou caminhões equipados com

as mínimas condições de segurança, tem a certeza de uma luta com muitas etapas ainda a serem conquistadas.

***(Página 7)***